

VOZES MATERNAS

DESAFIOS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Livia Barbosa Pacheco

(Universidade do Estado da Bahia)

Gilmara Santos Silva

(Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

RESUMO	ABSTRACT
Estudar as representações da maternidade negra na literatura afro-brasileira é fundamental para compreender e valorizar as experiências e desafios únicos enfrentados por essas mulheres, promovendo uma reflexão crítica sobre questões de raça, gênero e identidade na sociedade contemporânea. Nesse sentido, o presente estudo investiga as representações da maternidade negra na literatura afro-brasileira, destacando os desafios históricos e sociais que permeiam essa temática. Por meio de uma revisão bibliográfica abrangente, o estudo analisa a invisibilidade e os estereótipos associados às figuras maternas negras na literatura tradicional e explora a reconfiguração dessas representações na produção contemporânea. A pesquisa enfatiza o papel da maternidade como um instrumento de resistência cultural e política, além de considerar a ancestralidade como um elemento crucial na transmissão de saberes e valores. As conclusões apontam para a necessidade de ampliar a visibilidade das experiências maternas negras, promovendo narrativas mais diversas e complexas que reflitam a multiplicidade das vivências dessa população.	Studying the representations of black motherhood in Afro-Brazilian literature is fundamental to understanding and valuing the unique experiences and challenges faced by these women, promoting critical reflection on issues of race, gender and identity in contemporary society. In this sense, the present study investigates the representations of black motherhood in Afro-Brazilian literature, highlighting the historical and social challenges that permeate this theme. Through a comprehensive literature review, the study analyzes the invisibility and stereotypes associated with black maternal figures in traditional literature and explores the reconfiguration of these representations in contemporary production. The research emphasizes the role of motherhood as an instrument of cultural and political resistance, in addition to considering ancestry as a crucial element in the transmission of knowledge and values. The conclusions point to the need to increase the visibility of black maternal experiences, promoting more diverse and complex narratives that reflect the multiplicity of experiences of this population.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Maternidade Negra; Literatura Afro-Brasileira; Representações Culturais; Resistência e Ancestralidade; Gênero e Raça	Black Motherhood; Afro-Brazilian Literature; Cultural Representations; Resistance and Ancestry; Gender and Race

INTRODUÇÃO

A literatura afro-brasileira tem desempenhado um papel crucial na construção de narrativas que desafiam a hegemonia cultural e as estruturas de poder estabelecidas, especialmente no que tange às vivências das mulheres negras (Duarte, 2010). Dentro desse campo literário, as representações da maternidade emergem como um tema central, abordando tanto as experiências afetivas quanto as sociais e políticas ligadas à

condição da mulher negra no Brasil. A maternidade negra, como retratada em obras afro-brasileiras, transcende a experiência individual, assumindo uma dimensão coletiva que envolve o cuidado, a luta pela sobrevivência e a resistência frente a um sistema historicamente excludente e racista.

As autoras e autores afro-brasileiros, ao representarem a maternidade das mulheres negras, muitas vezes expõem as complexas dinâmicas de opressão que atravessam essas figuras maternas. Ao longo da história literária, o retrato da mulher negra enquanto mãe tem sido marcada por estereótipos que reduzem sua existência a papéis subalternos. Contudo, a produção literária contemporânea afro-brasileira busca reconstruir essas narrativas, colocando a mulher negra como sujeito de sua própria história, e não apenas como coadjuvante no contexto da maternidade. Essa literatura oferece um espaço para o protagonismo de mulheres negras, dando-lhes voz e dignidade no que diz respeito às suas experiências como mães (Bernardes et al., 2018).

Além das questões de identidade e resistência, as representações da maternidade na literatura afro-brasileira estão profundamente entrelaçadas com o conceito de ancestralidade e transmissão de saberes. As mães negras, nesses textos, não são apenas responsáveis pela sobrevivência física de seus filhos, mas também pela preservação e transmissão de sua cultura, memória e valores ancestrais (Ribeiro, 2022). A maternidade, assim, torna-se um ato político, em que as mulheres negras enfrentam não apenas os desafios da criação, mas também as barreiras impostas pela sociedade brasileira, que historicamente marginalizou suas vozes e experiências.

Estudar as representações da maternidade das mulheres negras na literatura afro-brasileira é essencial para compreender como essas narrativas literárias contribuem para a desconstrução de estereótipos e para a valorização das experiências de resistência e resiliência. Ao refletir sobre os desafios enfrentados pelas mulheres negras, bem como suas respostas criativas a esses desafios, o estudo oferece uma visão mais ampla e humanizadora sobre a maternidade, permitindo que novas perspectivas sejam integradas ao discurso literário e cultural.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar as representações da maternidade das mulheres negras na literatura afro-brasileira, destacando os desafios enfrentados por essas figuras maternas e suas estratégias de resistência. A pesquisa visa, ainda, identificar como a maternidade é utilizada como um instrumento de preservação cultural e de luta política nas obras selecionadas, contribuindo para a compreensão da complexidade dessas narrativas e sua relevância no contexto literário e social.

1 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica, com o intuito de identificar e analisar as representações da maternidade das mulheres negras na literatura afro-brasileira. Para tanto, realizou-se uma ampla busca em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como Scielo, Google Scholar e periódicos específicos da área de literatura e estudos afro-brasileiros. Foram selecionados artigos científicos, livros, dissertações e teses que abordam o tema da maternidade negra, bem como obras literárias que retratam essa temática de forma significativa. A escolha de fontes buscou contemplar uma diversidade de perspectivas e períodos históricos, de modo a garantir uma análise abrangente e crítica das narrativas literárias selecionadas.

Os critérios de inclusão na pesquisa foram definidos pela relevância das publicações para o campo de estudo, privilegiando obras que tratam diretamente das experiências de mulheres negras enquanto mães, ou que discutem o papel da maternidade no contexto afro-brasileiro. Além disso, a análise dos textos literários levou em consideração o contexto histórico e sociocultural em que foram produzidos, visando compreender como as representações da maternidade negra evoluíram ao longo do tempo. Através desse levantamento e análise crítica das fontes, buscou-se construir uma compreensão aprofundada dos desafios e resistências vivenciados pelas mulheres negras na literatura, com ênfase nas suas experiências enquanto mães.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA MATERNIDADE NEGRA NO BRASIL

A construção histórica da maternidade negra no Brasil está profundamente enraizada nas experiências traumáticas da escravidão, que moldaram a posição social das mulheres negras e sua relação com a maternidade de maneira complexa e dolorosa. Durante o período escravocrata, as mulheres negras foram forçadas a desempenhar múltiplos papéis, tanto no campo da produção econômica quanto no espaço doméstico. Elas não apenas trabalhavam arduamente nas plantações e nas casas dos senhores, mas também eram tratadas como instrumentos reprodutivos, uma vez que seus filhos eram considerados propriedade dos senhores de engenho. A maternidade, nesse contexto, era destituída de autonomia e controle, configurando-se como uma experiência marcada pela violência e pela negação dos direitos maternos mais básicos (SILVA, 2018).

Esse cenário histórico contribuiu para a construção de estereótipos em torno da mulher negra e sua capacidade de exercer a maternidade. Ao serem desumanizadas e tratadas como mercadorias, as mulheres negras eram frequentemente retratadas como "amas de leite" ou "mães de criação", sendo forçadas a cuidar dos filhos das famílias

brancas em detrimento de seus próprios filhos, que muitas vezes eram afastados delas ou vendidos. Esse processo de exploração contribuiu para a cristalização de estereótipos que ainda hoje reverberam na sociedade, reforçando a imagem da mulher negra como uma figura de servidão, incapaz de experienciar a maternidade em seus próprios termos. A desvalorização de suas capacidades maternas e afetivas, perpetuada pela sociedade escravocrata, foi transferida para a literatura tradicional, que, por muito tempo, ignorou ou marginalizou a experiência da maternidade negra.

Após a abolição da escravidão em 1888, as mulheres negras continuaram a enfrentar condições adversas no exercício da maternidade. A falta de suporte do Estado, a exclusão das políticas públicas de assistência social e a marginalização no mercado de trabalho mantiveram as mulheres negras em posições vulneráveis. Muitas vezes, elas precisavam criar seus filhos sozinhas, sem a presença do pai, que também era vítima das mesmas exclusões e opressões (SANTOS, 2021). Essa realidade de abandono e ausência de redes de apoio foi retratada de forma limitada na literatura canônica brasileira, que, até então, não fornecia espaço para a complexidade da experiência materna negra. Em vez disso, as mulheres negras eram representadas como figuras subalternas, privadas de subjetividade e de agência, e suas experiências de maternidade continuavam a ser relegadas à invisibilidade (SILVA, 2018).

No entanto, com o surgimento da literatura afro-brasileira, principalmente a partir da segunda metade do século XX, começou-se a questionar e reconstruir essas narrativas estereotipadas. Escritoras e escritores afro-brasileiros passaram a retratar a maternidade negra como uma experiência marcada pela resistência e pela resiliência. As mães negras, nessas obras, foram reposicionadas como protagonistas, não apenas de suas próprias vidas, mas também da história de suas comunidades. Elas foram apresentadas como figuras de força, que, mesmo diante de condições de extrema adversidade, lutaram pela sobrevivência de seus filhos e pela preservação de seus valores culturais. Essa mudança na representação literária refletiu um esforço maior de valorização da experiência negra e de desconstrução das imagens desumanizantes que marcaram o imaginário coletivo por séculos.

Além disso, a literatura afro-brasileira também começou a explorar as dimensões afetivas da maternidade negra, revelando as estratégias que essas mulheres desenvolveram para criar redes de apoio e cuidado dentro de suas comunidades. As mulheres negras, historicamente excluídas dos privilégios da maternidade branca e burguesa, encontraram formas alternativas de maternidade, baseadas em princípios de coletividade e solidariedade (SILVA, 2010). Essa dimensão comunitária da maternidade negra, que enfatiza o cuidado compartilhado e a transmissão de saberes ancestrais, é um aspecto crucial na reconstrução de suas representações na literatura afro-brasileira.

A maternidade deixa de ser vista apenas como um fardo imposto pelas estruturas opressivas e passa a ser compreendida como uma ferramenta de resistência cultural e social.

Nesse contexto, a construção histórica da maternidade negra no Brasil, profundamente afetada pelas experiências de escravidão e marginalização social, é um processo multifacetado que vai além das narrativas convencionais. A literatura afro-brasileira, ao resgatar essas histórias e reconstruir suas representações, oferece uma visão mais complexa e humanizadora da maternidade das mulheres negras. Através dessas narrativas, torna-se possível entender como a maternidade negra, longe de ser uma experiência limitada ao sofrimento e à subserviência, é um espaço de resistência, resiliência e transformação, no qual as mulheres negras desempenham um papel central na manutenção e renovação de suas culturas e identidades.

2.2 A INVISIBILIDADE E OS ESTEREÓTIPOS DA MATERNIDADE NEGRA NA LITERATURA TRADICIONAL

A invisibilidade e os estereótipos da maternidade negra na literatura tradicional brasileira refletem a marginalização histórica das mulheres negras na sociedade e nas produções culturais. Por muito tempo, a literatura canônica retratou a mulher negra a partir de uma perspectiva eurocêntrica, reforçando sua subordinação e negligenciando sua vivência e complexidade enquanto mãe. Na maioria das narrativas, a maternidade negra foi ignorada ou representada de forma estereotipada, reduzindo-a a papéis limitados e subalternos, como o da "mãe de leite" ou da "empregada doméstica". Essas representações contribuíram para a perpetuação de uma visão distorcida da mulher negra, que a desumanizava e a despojava de sua agência materna (SILVEIRA, 2022).

A figura da "ama de leite" é um exemplo clássico da forma como a maternidade negra foi retratada na literatura tradicional. Muitas obras literárias brasileiras, sobretudo do período escravocrata e pós-escravidão, reforçaram a imagem da mulher negra como a responsável pelo cuidado dos filhos das famílias brancas. Nesse contexto, a mãe negra era privada do direito de cuidar de seus próprios filhos, sendo obrigada a nutrir e criar os filhos dos senhores brancos (MUAZE, 2018). Essa representação não só reforçava a hierarquia racial, mas também desumanizava a mulher negra, ao restringi-la a um papel utilitário e invisibilizar seu sofrimento e suas experiências de maternidade. A mulher negra era, assim, retratada como uma figura desprovida de afetividade própria, existindo apenas em função do outro.

Outro estereótipo comum na literatura tradicional é o da "mãe forte e resignada", uma imagem que também desumaniza a mulher negra ao enfatizar sua capacidade de

suportar adversidades extremas sem questionar. Essa figura materna, frequentemente apresentada como uma mulher sofredora, mas resiliente, acaba por reforçar a ideia de que as mulheres negras estão condenadas a uma vida de sacrifício e abnegação, especialmente no contexto da maternidade. Essa representação negligencia as nuances de suas experiências e reduz sua identidade a um estereótipo de resistência passiva, desconsiderando os desafios reais que enfrentam e suas estratégias de sobrevivência e empoderamento.

Além disso, a literatura tradicional muitas vezes falhou em retratar a mulher negra como mãe em toda a sua complexidade. Quando a maternidade era mencionada, ela era retratada de forma rasa e estereotipada, e raramente havia uma tentativa de compreender os desafios específicos enfrentados por essas mulheres no contexto de uma sociedade racista e patriarcal. A ausência de narrativas que valorizassem a subjetividade dessas mães negras reforçava a ideia de que suas histórias não eram dignas de serem contadas, contribuindo para a invisibilidade de suas experiências. Essa lacuna na representação literária não apenas prejudicou a imagem das mulheres negras, mas também perpetuou um ciclo de exclusão cultural e social (Silva 2018).

A invisibilidade da maternidade negra também se estendeu ao campo das políticas públicas e das narrativas institucionais. Mulheres negras, especialmente mães, continuaram sendo negligenciadas em iniciativas sociais voltadas para o cuidado materno. A literatura tradicional reforçou essa exclusão ao retratar suas experiências de maneira limitada ou ao negar-lhes a complexidade inerente às outras figuras maternas. A ausência dessas representações autênticas está diretamente ligada à negação histórica das realidades sociais e políticas enfrentadas por essas mulheres — como o abandono estatal, a marginalização econômica e a ausência de direitos básicos (Dias, 2016). Ao perpetuar essa invisibilidade nas narrativas literárias, fortaleceu-se o ciclo de desumanização.

Por fim, é importante destacar que esses estereótipos não apenas moldaram a forma como a sociedade via as mulheres negras enquanto mães, mas também influenciaram suas próprias percepções sobre si mesmas. Ao serem constantemente confrontadas com representações que as reduzem a papéis subalternos ou desumanizantes, muitas mulheres negras internalizaram essas imagens distorcidas. Isso impactou negativamente suas vivências maternas e sua construção identitária.

A maternidade negra é uma experiência multifacetada que transcende as dimensões tradicionais do cuidado e afeto, envolvendo questões históricas, sociais, culturais e políticas. Contudo, a literatura tradicional frequentemente negligenciou essas complexidades ao perpetuar estereótipos limitadores e invisibilizar às vivências das mulheres negras. Para compreender o papel ativo da literatura na manutenção de

estruturas opressivas, é essencial explorar as diversas camadas que compõem essa experiência materna. A desconstrução desses estereótipos na produção literária contemporânea afro-brasileira representa um passo importante para valorizar as histórias dessas mulheres e promover narrativas mais justas e humanizadoras.

2.3 A RECONFIGURAÇÃO DA MATERNIDADE NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

A reconfiguração da maternidade na literatura afro-brasileira contemporânea representa uma ruptura significativa com as representações estereotipadas e limitadas que prevaleceram na literatura tradicional. Nas últimas décadas, autores e autoras afro-brasileiros têm reivindicado o espaço literário para narrar histórias que refletem a realidade e a complexidade da maternidade negra. Conforme Rodrigues e Rodrigues (2024) destacam, essas novas narrativas desafiam as imagens desumanizantes e subalternas construídas no passado, oferecendo uma visão mais rica e autêntica das experiências das mulheres negras enquanto mães. Nesses trabalhos, a maternidade deixa de ser retratada como um papel meramente funcional ou subordinado, emergindo como um espaço de resistência, autonomia e afirmação de identidade.

Essa reconfiguração envolve a valorização da subjetividade das mulheres negras, revelando a maternidade como uma experiência multifacetada. Ela abrange não apenas o cuidado com os filhos, mas também a transmissão de saberes ancestrais, a preservação da cultura e a luta pela sobrevivência em um ambiente social hostil. A literatura afro-brasileira contemporânea explora como as mães negras enfrentam as adversidades impostas por uma sociedade racista e patriarcal, utilizando a maternidade como forma de resistência e resiliência. Elas não são mais retratadas como figuras de sofrimento passivo, mas como protagonistas de suas próprias histórias, capazes de moldar seu destino e o de suas comunidades.

Além disso, a maternidade na literatura afro-brasileira contemporânea é frequentemente apresentada como um espaço de construção coletiva, no qual as mulheres negras contam com o apoio de outras mulheres de sua comunidade para criar seus filhos. Esse conceito de maternidade comunitária ou compartilhada rompe com o modelo individualista predominante nas sociedades ocidentais, destacando a importância da solidariedade e da cooperação para a sobrevivência e o bem-estar das mulheres negras e suas famílias. Essa forma de maternidade, além de resistir às opressões estruturais, desafia as normas sociais dominantes, oferecendo uma nova visão de cuidado e apoio mútuo que se contrapõe ao isolamento e à solidão materna, temas frequentemente explorados na literatura tradicional (Andrade, 2018).

Outro aspecto central na reconfiguração da maternidade na literatura afro-brasileira contemporânea é a questão da autonomia. As mães negras, nessas narrativas, não são mais apresentadas como figuras desprovidas de controle sobre suas vidas e seus corpos, como ocorria na literatura tradicional. Ao contrário, elas são retratadas como mulheres que lutam por sua autonomia, tanto no campo da reprodução quanto no da criação de seus filhos. Essa autonomia é conquistada através de suas próprias decisões e estratégias, muitas vezes desafiando as normas impostas pela sociedade e pelo Estado. Ao questionar o controle exercido sobre seus corpos e suas vidas, as mães negras reafirmam sua capacidade de escolher e exercer sua maternidade de acordo com seus próprios valores e necessidades.

A literatura afro-brasileira contemporânea também reconfigura a maternidade ao incluir a dimensão afetiva, muitas vezes negligenciada nas representações tradicionais. Nessas novas narrativas, o amor, o cuidado e a ternura que as mães negras dedicam a seus filhos são elementos centrais da experiência materna. A afetividade não é retratada como uma fraqueza ou uma característica secundária, mas como uma força poderosa que sustenta as mulheres negras em sua luta diária. Essa abordagem contrasta com as representações estereotipadas da mulher negra como uma figura endurecida e desprovida de emoção, resgatando sua humanidade e oferecendo uma visão mais completa e autêntica de sua maternidade (Silva, 2010).

Em suma, a reconfiguração da maternidade na literatura afro-brasileira contemporânea não se limita à desconstrução das imagens negativas do passado, mas também aponta para a criação de novas possibilidades de representação. As mães negras são apresentadas como agentes de transformação, não apenas de suas próprias vidas, mas também da sociedade em que vivem. Através de suas experiências de maternidade, essas mulheres desafiam as estruturas de opressão e criam horizontes para si mesmas e para suas comunidades. Ao inserir a maternidade negra no centro das narrativas literárias, a literatura afro-brasileira contemporânea oferece um espaço para a criação de novas subjetividades, em que as mulheres negras podem se ver representadas de forma plena, digna e complexa.

Essas novas representações literárias são, portanto, fundamentais para a valorização da maternidade negra e para o reconhecimento de sua importância na cultura afro-brasileira. Ao romper com os estereótipos e com a invisibilidade do passado, a literatura afro-brasileira contemporânea afirma a centralidade da mulher negra e de sua maternidade na construção da identidade coletiva e na resistência às opressões sociais. A maternidade, nesse contexto, deixa de ser um espaço de subjugação para se tornar um campo de luta e transformação, em que as mães negras desempenham um papel ativo na criação de novas narrativas e no fortalecimento de

suas comunidades (Duarte, 2010).

No conto "*Olhos d'Água*" (2014), de Conceição Evaristo, a maternidade é abordada em toda a sua complexidade emocional, onde as personagens mães não são idealizadas como figuras passivas ou resignadas; ao contrário, elas expressam dor, amor e luta em meio às condições adversas impostas pelo racismo estrutural, dando voz às subjetividades dessas mulheres, rompendo com os estereótipos de submissão. Em uma das narrativas, uma mãe relembra os desafios enfrentados ao criar seus filhos em um ambiente hostil e marcado pela violência, revelando uma narrativa carregada de agência e humanidade, mostrando que ela não se limita ao papel de vítima, mas atua ativamente para proteger e empoderar seus filhos.

Em "*Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*" (1960), de Carolina Maria de Jesus, embora anterior à literatura afro-brasileira contemporânea propriamente dita, já se observa uma perspectiva crítica sobre a maternidade negra. Carolina retrata sua experiência como mãe solo em um contexto de extrema pobreza, destacando tanto os desafios quanto às estratégias de sobrevivência, descrevendo como outras mulheres da comunidade ajudam umas às outras na criação dos filhos, formando redes informais de solidariedade que desafiam o isolamento imposto pela sociedade racista. Sua escrita também revela a dimensão comunitária da maternidade nas favelas, onde as mulheres negras compartilham cuidados e apoio mútuo. Assim, a literatura contemporânea não apenas resgata a história silenciada dessas mulheres, mas também oferece uma nova perspectiva para o futuro.

2.4 MATERNIDADE E ANCESTRALIDADE: A TRANSMISSÃO DE SABERES E RESISTÊNCIAS

A relação entre maternidade e ancestralidade na literatura afro-brasileira contemporânea é um tema central, especialmente no que diz respeito à transmissão de saberes e resistências. A maternidade negra, nesse contexto, vai além do papel biológico de cuidar e educar os filhos, assumindo também a responsabilidade de preservar e transmitir conhecimentos ancestrais que são fundamentais para a identidade e a sobrevivência das comunidades negras (Andrade, 2018). Esses saberes, que incluem tradições culturais, práticas espirituais, modos de resistir às opressões e a própria memória histórica, são passados de geração em geração pelas mães, que desempenham o papel de guardiãs dessas tradições. A literatura afro-brasileira retrata essas mulheres como pilares de sabedoria e resistência, que através de suas práticas maternas garantem a continuidade de suas heranças culturais.

Essa transmissão de saberes ancestrais é frequentemente retratada como um ato

de resistência política e cultural. As mães negras, ao compartilhar suas histórias, seus conhecimentos e suas práticas com seus filhos, estão desafiando a narrativa dominante que historicamente marginalizou e silenciou a cultura afro-brasileira. Elas estão, assim, fortalecendo a identidade de seus filhos e os preparando para enfrentar um mundo marcado pelo racismo e pela desigualdade.

Um exemplo significativo dessa relação entre maternidade e ancestralidade é encontrado na obra *"Ponciá Vicêncio"* (2003), de Conceição Evaristo, já mencionada anteriormente. A protagonista, Ponciá, carrega consigo as memórias e os ensinamentos de suas ancestrais, sua mãe e avó, que foram transmitidos oralmente de geração em geração. Esses ensinamentos, que incluem conhecimentos sobre a terra, sobre as plantas medicinais e sobre a importância da comunidade, são fundamentais para a formação da identidade de Ponciá e para sua luta contra o racismo e a exploração. A obra de Evaristo demonstra como a maternidade se torna um elo entre o passado e o presente, permitindo que as tradições ancestrais continuem a influenciar e a guiar a vida das novas gerações.

Outra autora que explora essa temática é Conceição Lima, em seus poemas e contos, (2010). Lima frequentemente retrata a figura da mãe negra como uma guardiã da memória e da cultura africana, transmitindo seus conhecimentos e valores aos filhos através da oralidade, da música e da dança. Sua obra celebra a força e a resiliência das mulheres negras, que apesar das dificuldades e das opressões, conseguem manter viva a chama da ancestralidade. Em seus versos, a maternidade se torna um ato de resistência cultural, que desafia o apagamento histórico e cultural promovido pelo racismo.

A relação entre maternidade e ancestralidade também é explorada na obra de Jarid Arraes, em especial em seu livro *"Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis"* (2020). Arraes resgata a história de mulheres negras que foram importantes para a luta contra a escravidão e o racismo no Brasil, como Dandara, Aqualtune e Esperança Garcia, apresentando-as como exemplos de força, coragem e resistência para as novas gerações. Ao fazer isso, Arraes não apenas homenageia essas mulheres, mas também oferece aos jovens negros modelos positivos de identificação, fortalecendo sua autoestima e sua identidade.

Além desses exemplos, outras obras e autores da literatura afro-brasileira contemporânea também abordam a relação entre maternidade e ancestralidade, como *"Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada"* (1960), de Carolina Maria de Jesus, e a obra poética de Miriam Alves. Ao explorar essa temática, esses autores e autoras contribuem para a valorização da cultura afro-brasileira e para a desconstrução dos estereótipos negativos associados à mulher negra, oferecendo novas perspectivas sobre

a maternidade e a ancestralidade.

A transmissão de saberes entre gerações é uma forma de resistência frente às tentativas históricas de apagamento cultural das populações negras, principalmente durante o período escravocrata e suas consequências nas eras subsequentes. Na literatura afro-brasileira, muitas mães negras ensinam a seus filhos não apenas as habilidades práticas para a sobrevivência diária, mas também valores espirituais, crenças religiosas e um senso de identidade vinculado às raízes africanas. Esse processo de educação informal, que ocorre no espaço doméstico ou comunitário, é essencial para a manutenção da cultura afro-brasileira, que muitas vezes foi marginalizada ou demonizada pelo discurso oficial da sociedade branca. Assim, a maternidade se torna um campo de luta pela preservação da memória e pela valorização da cultura ancestral.

Esses saberes, transmitidos pelas mães às novas gerações, são também formas de resistir ao racismo e à opressão estrutural que as comunidades negras enfrentam. Na literatura afro-brasileira contemporânea, a resistência é muitas vezes retratada como um conhecimento transmitido de mãe para filho, que capacita as novas gerações a enfrentar as adversidades do presente, ao mesmo tempo em que mantém vivas as histórias e tradições do passado (Ribeiro, 2022). A maternidade, nesse sentido, não é apenas um processo biológico, mas também político, em que as mulheres negras ensinam a seus filhos formas de se posicionar no mundo e de lutar contra as estruturas de poder que os marginalizam. A resistência, assim, é entendida como uma prática cotidiana, sustentada e perpetuada pelas mães.

A espiritualidade também é um aspecto central da conexão entre maternidade e ancestralidade na literatura afro-brasileira. Muitas narrativas destacam o papel das mães negras como mediadoras entre o mundo físico e o espiritual, transmitindo a seus filhos a importância das práticas religiosas de matriz africana e a relação com os ancestrais. Através dessas práticas, os filhos aprendem a se conectar com suas raízes espirituais, reforçando o sentido de pertencimento a uma linhagem que transcende o tempo e o espaço. A maternidade, nesse contexto, é um canal através do qual os ensinamentos dos ancestrais são mantidos vivos, e a espiritualidade se torna uma fonte de força para enfrentar as dificuldades do presente.

Essa conexão entre maternidade, ancestralidade e espiritualidade tem uma função crucial na construção da identidade das crianças negras, que aprendem a se ver como parte de uma longa história de resistência e sobrevivência. Ao transmitir esses saberes e valores, as mães negras ajudam seus filhos a desenvolver um senso de orgulho e pertencimento, que contrasta com as mensagens de inferioridade e marginalização transmitidas pela sociedade racista. Na literatura afro-brasileira, muitas obras retratam a maternidade como um processo de fortalecimento emocional e

psicológico, em que as mães negras oferecem a seus filhos as ferramentas para resistir ao racismo e afirmar suas identidades com confiança e dignidade (Vasconcelos, 2014).

Dessa forma, a maternidade e a transmissão de saberes na literatura afro-brasileira contemporânea também estão ligadas à ideia de uma continuidade histórica e cultural. Ao ensinar seus filhos sobre suas raízes e sobre as lutas de seus antepassados, as mães negras garantem que as futuras gerações mantenham viva a memória de seus ancestrais e de suas conquistas. Essa continuidade é fundamental para a manutenção da identidade coletiva das comunidades negras, que encontram na maternidade um espaço de resistência contra o esquecimento e o apagamento histórico. Na literatura, esse papel das mães como guardiãs da memória ancestral é muitas vezes retratado de forma poética, mostrando como a maternidade pode ser uma fonte de esperança e renovação em meio às adversidades. Assim, a maternidade negra, além de ser um ato de cuidado e amor, torna-se um ato de resistência política e cultural, que preserva e perpetua a herança ancestral.

2.5 O PAPEL DA MATERNIDADE COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA POLÍTICA E CULTURAL

O papel da maternidade como instrumento de resistência política e cultural na literatura afro-brasileira contemporânea é uma temática de grande relevância, subvertendo a visão tradicional que a restringe a um espaço de mero cuidado e proteção. Nas narrativas literárias afro-brasileiras, as mães negras são frequentemente retratadas como agentes ativas de resistência, utilizando a maternidade para combater as estruturas opressoras da sociedade. Segundo Santiago (2024), ao assumir o papel de mães, elas não apenas garantem a sobrevivência física de seus filhos, mas também os preparam para enfrentar um mundo marcado por racismo, sexismo e desigualdade. Nesse contexto, a resistência não é algo externo ou distante, mas parte integrante do cotidiano dessas mulheres.

Esse processo de resistência política se manifesta, inicialmente, na forma como as mães negras criam e educam seus filhos, transmitindo-lhes saberes e estratégias para compreender e resistir às opressões. A maternidade, assim, é vista como um ato profundamente político, onde as mães não apenas compartilham conhecimento sobre suas origens culturais e ancestrais, mas também ensinam a questionar as narrativas dominantes, a valorizar a identidade negra e a se posicionar firmemente contra as injustiças. Esse ensino, que ocorre frequentemente no espaço doméstico ou na comunidade, é uma forma silenciosa, porém poderosa, de resistência política.

Na obra *"Ponciá Vicêncio"* (Conceição Evaristo), por exemplo, a personagem

Ponciá carrega consigo as memórias e ensinamentos de suas ancestrais, sua mãe e avó. A transmissão oral dessas histórias é um ato de resistência e preservação cultural. As mulheres da família Vicêncio ensinam Ponciá a valorizar suas raízes e a questionar o lugar marginalizado que a sociedade lhes impõe. A avó de Ponciá, em particular, ensina-lhe sobre a importância da terra e da conexão com seus antepassados, transmitindo-lhe uma visão de mundo que desafia a lógica opressora do sistema escravista e pós-escravista.

Outro exemplo marcante é *"Olhos D'Água"* (Conceição Evaristo), onde a autora explora diversas facetas da experiência feminina negra, incluindo a maternidade. Em vários contos, as mães ensinam seus filhos a reconhecer e resistir ao racismo, muitas vezes através de exemplos práticos e conversas francas sobre as desigualdades que enfrentam. No conto que dá título ao livro, a mãe protagonista luta para proteger seus filhos da violência e da miséria, ao mesmo tempo em que os educa para valorizar sua identidade e a não internalizar o ódio racial.

Além da educação e da transmissão de saberes, as mães negras na literatura afro-brasileira também desempenham um papel central na criação de redes de apoio e solidariedade. Essas redes, formadas entre mulheres negras e suas comunidades, são fundamentais para a resistência coletiva frente às opressões estruturais. A maternidade, nesse sentido, não é uma experiência isolada, mas compartilhada com outras mulheres, criando um senso de comunidade que fortalece a resistência política e cultural. Essas redes permitem que as mães negras compartilhem recursos, cuidados e estratégias de enfrentamento, reforçando o papel da maternidade como um instrumento coletivo de luta contra as forças que marginalizam e oprimem suas famílias (Souza e Caser, 2022).

Outro aspecto importante da maternidade como resistência política é a luta contra o controle estatal e social sobre os corpos das mulheres negras. Historicamente, as mulheres negras foram submetidas a políticas de controle populacional, exploração reprodutiva e estigmatização de sua capacidade materna. Na literatura afro-brasileira contemporânea, muitas narrativas retratam a maternidade negra como uma resposta a essas tentativas de controle. Ao reivindicar o direito de criar seus filhos em seus próprios termos, fora das imposições e expectativas racistas da sociedade, essas mães desafiam o sistema que historicamente tentou desumanizá-las. A maternidade, nesse contexto, torna-se uma forma de afirmar a autonomia sobre seus corpos e suas escolhas reprodutivas.

A resistência cultural, por sua vez, está profundamente entrelaçada com a maternidade na literatura afro-brasileira. As mães negras desempenham o papel crucial de manter vivas as tradições culturais, as memórias e os valores das comunidades afro-brasileiras, transmitindo esses elementos às futuras gerações. Ao fazer isso, elas

garantem que a cultura negra não seja apagada ou assimilada pelas normas dominantes da sociedade branca. Através da oralidade, da prática religiosa, da música e de outras formas de expressão cultural, as mães negras utilizam a maternidade como um meio de preservar e perpetuar sua herança cultural, resistindo assim à tentativa de apagamento histórico e cultural promovido pelas forças coloniais e pós-coloniais (Souza, 2023).

Nesse sentido, a literatura afro-brasileira contemporânea retrata a maternidade negra como um espaço de transformação social. Ao criar filhos conscientes de sua identidade e preparados para resistir às opressões, as mães negras contribuem diretamente para a construção de uma nova geração de indivíduos engajados politicamente, que podem continuar a luta por justiça racial e igualdade social. A maternidade, nesse sentido, transcende o âmbito pessoal e familiar, tornando-se um instrumento para a mudança coletiva e a emancipação das comunidades negras. Dessa forma, a literatura afro-brasileira contemporânea celebra a maternidade negra como um dos principais pilares da resistência política e cultural, destacando seu papel na luta contínua por liberdade e dignidade para todos os negros e negras no Brasil.

2.6 DESAFIOS E POSSIBILIDADES FUTURAS NA REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NEGRA

Os desafios na representação da maternidade negra na literatura afro-brasileira contemporânea refletem um conjunto de complexidades históricas e sociais que ainda precisam ser enfrentadas. Um dos maiores obstáculos é o legado do racismo estrutural que permeia tanto a sociedade brasileira quanto suas expressões artísticas e culturais. Historicamente, a maternidade negra foi estigmatizada e retratada de forma distorcida pela literatura e pelas mídias dominantes, que perpetuaram estereótipos de mães negras como figuras subservientes, hipersexualizadas ou incapazes de cuidar adequadamente de seus filhos. Superar essas representações limitadas e preconceituosas é um dos principais desafios enfrentados pelos autores e autoras afro-brasileiros que buscam construir retratos mais justos e complexos da experiência materna negra (Bernardes et al., 2018).

Outro desafio está relacionado à pluralidade de experiências dentro da maternidade negra. As mulheres negras no Brasil têm histórias e vivências profundamente variadas, influenciadas por fatores como classe social, localização geográfica, educação, religiosidade e relação com suas ancestralidades africanas. A literatura contemporânea deve, portanto, lidar com a dificuldade de representar a diversidade dessas experiências de maneira abrangente, evitando a generalização de uma única visão da maternidade negra. A narrativa literária precisa incluir vozes

múltiplas e variadas, que retratem não apenas as dificuldades e os traumas enfrentados por essas mães, mas também suas vitórias, resistências e formas de agência.

A marginalização das autoras negras também é um desafio significativo. Embora tenha havido um crescimento na visibilidade de escritoras afro-brasileiras que abordam temas como a maternidade, ainda há uma sub-representação dessas vozes no mercado editorial e nos circuitos acadêmicos. Isso reflete as barreiras institucionais e econômicas que continuam a limitar o acesso de mulheres negras aos espaços de produção e divulgação literária (Caetano et al., 2022). A superação dessas barreiras exige um esforço coletivo tanto da parte dos escritores quanto das instituições literárias e educacionais para promover uma inclusão real das narrativas afro-brasileiras, reconhecendo a importância de suas contribuições para a cultura nacional.

No entanto, apesar desses desafios, há possibilidades promissoras para a representação da maternidade negra na literatura. A emergência de movimentos literários e culturais afro-brasileiros, como a literatura marginal e a literatura de periferia, tem desempenhado um papel crucial na ampliação da visibilidade das vozes negras e na construção de novas representações da maternidade. Essas literaturas trazem à tona não apenas as dificuldades enfrentadas pelas mães negras, mas também a força, a resiliência e a criatividade que caracterizam suas experiências. O crescimento das editoras independentes focadas na literatura negra e a utilização das redes sociais como plataforma de disseminação também contribuem para a democratização do acesso a essas narrativas.

Além disso, a interseção da literatura com outras formas de expressão artística, como o cinema, o teatro e a música, oferece novas possibilidades para a representação da maternidade negra. Obras audiovisuais e performáticas têm a capacidade de atingir públicos mais amplos e de dialogar com questões contemporâneas de maneira mais dinâmica e acessível. Essas formas híbridas de arte podem expandir a compreensão do papel da maternidade negra na cultura brasileira e criar linguagens e símbolos para expressar as diversas formas de ser mãe em um contexto de resistência e ancestralidade (Silva, 2018).

Finalmente, as possibilidades futuras para a representação da maternidade negra na literatura afro-brasileira também dependem de um diálogo contínuo com as gerações mais jovens de escritores e leitores. Ao incorporar as perspectivas e demandas das novas gerações, a literatura pode se manter relevante e inovadora, abordando questões emergentes, como as implicações das tecnologias digitais e das redes sociais na maternidade, os novos desafios enfrentados pelas mães negras em um contexto de globalização, e a crescente conscientização sobre saúde mental e direitos reprodutivos. Assim, a literatura afro-brasileira continuará a evoluir, oferecendo retratos cada vez

mais complexos, profundos e multifacetados da maternidade negra, enquanto promove a resistência cultural e política frente às adversidades históricas e contemporâneas.

3 CONCLUSÕES

As representações da maternidade negra na literatura afro-brasileira revelam um campo rico e multifacetado que não apenas desafia estereótipos, mas também reconfigura narrativas históricas sobre a mulher negra no Brasil. Ao longo do artigo, ficou evidente que a maternidade é um espaço de resistência, onde as mães negras se tornam agentes de transformação social, cultural e política. Essas mulheres, ao moldarem a identidade de suas famílias e comunidades, exercem um papel crucial na luta contra as desigualdades e injustiças que permeiam a sociedade. A literatura afro-brasileira contemporânea, ao trazer à tona essas vozes, contribui para a valorização da experiência materna negra, promovendo uma reavaliação crítica das narrativas dominantes que têm historicamente marginalizado e silenciado essas mulheres.

Além disso, a análise dos desafios e possibilidades futuras na representação da maternidade negra aponta para a necessidade de um contínuo diálogo entre as diversas vozes da literatura afro-brasileira. A inclusão de perspectivas plurais, que abarquem a diversidade das experiências de maternidade, é essencial para a construção de uma literatura que reflita a complexidade da vivência negra no Brasil. Assim, a resistência, a ancestralidade e a cultura, mediadas pela maternidade, não apenas reafirmam a força das mulheres negras, mas também propõem novas formas de reconhecimento e valorização na sociedade. O estudo dessas representações é fundamental para fomentar uma conscientização crítica sobre a importância da maternidade negra na construção de um futuro mais justo e igualitário.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucas Toledo. Ancestralidade, memória e autorrepresentação da mulher negra na literatura afro-brasileira contemporânea em “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo. **Revista Entrelaces**, v. 1, n. 14, 2018.

ARRARES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis**. São Paulo: Pólen, 2020.

BERNARDES, Tatiana Valentim Mina; SANTOS, Zâmbia Osório; DEBUS, Eliane Santana Dias. A representação de mulheres negras na literatura afro-brasileira: Uma leitura de “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis e “Minha mãe”, de Luis Gama. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 47, 2018.

CAETANO, Janaína Oliveira; GOMES, Suzete Araujo Oliveira; CASTRO, Helena Carla. **Da marginalização à centralidade: a importância da representatividade negra na literatura infantojuvenil**. *Práxis Educativa*, v. 17, 2022.

DIAS, Rafaela Kelsen. Maternidade e segregação em Conceição Evaristo. **Revista Fórum Identidade**, v. 20, n. 20, 2016.

DUARTE, Eduardo Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, n. 23, p. 113-138, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Belo Horizonte: Editora Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. São Paulo: Editora Birô, 2003.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma Favelada. São Paulo: Ática, 1960.

LIMA, Conceição. **Maternidade e Ancestralidade**. Salvador: Editora Afro, 2010.

MUAZE, Mariana. Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, século XIX. In: OSÓRIO, Helen; XAVIER, Regina Célia Lima (Orgs.). **Do tráfico ao pós-abolição**: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2018.

RIBEIRO, Sálua Francinele. **Por uma literatura afro-brasileira**: memória, subjetividade, afetividade e maternidade na obra de Maria Firmina dos reis. Tese de Doutorado (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2022.

RODRIGUES, Auany da Motta; RODRIGUES, Juliana. Maternidade preta e escrevivência: reflexões sobre o corpo negro. **Revista Contribuciones a las ciencias sociales**, v. 17, n. 4, 2024.

SANTIAGO, Vinicius. A maternidade como resistência à violência de Estado. **Cadernos Pagu**, v. 55, 2019.

SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. Reconstituindo laços: autonomia e maternidade negra no imediato pós-abolição em Recife. **Interfaces Científicas**, v. 9, n. 2, 2021.

SILVA, Fabiana Carneiro. Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como ruptura do nacionalismo. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 54, p. 245-275, 2018.

SILVA, Maria Rodrigues. **ULOMMA**: A maternidade como vivência de reencantamento pelo sagrado conto de matriz afro-brasileira. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

SILVEIRA, Andresa. **Representações da maternidade em contos da literatura brasileira contemporânea**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. Insubmissas lágrimas maternas: a maternidade negra em Conceição Evaristo. **CEM - Cultura, Espaço & Memória**, n. 16, 2023.



SOUZA, Kamillan Benevenuto. CASER, Maria Mirtis. A maternidade negra nos contos "Ana Davenga" e "Maria" de Conceição Evaristo. **Revista Ideação**, v. 24, n. 2, 2022.

VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira. **No colo das Iabás**: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas. Tese de Doutorado (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) - Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

INVENTÁRIO

Título em inglês:

MATERNAL VOICES: CHALLENGES AND RESISTANCE OF BLACK WOMEN IN AFRO-BRAZILIAN LITERATURE